

PORTUGUESE A1 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Monday 10 May 2004 (afternoon)
Lundi 10 mai 2004 (après-midi)
Lunes 10 de mayo de 2004 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only. It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages. Le commentaire ne doit pas nécessairement répondre aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le désirez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento. No es obligatorio responder directamente a las preguntas que se ofrecen a modo de guía. Sin embargo, puede usarlas si lo desea.

Faça o comentário de **um** dos textos seguintes:

1. (a)

Ana Carolina está sentada no chão, rodeada de cartas amarrotadas. Recita num tom neutro as frases escritas em inglês. Às vezes traduz instantaneamente. Recusa-se a ler as frases em norueguês. Diz que já esqueceu, que nunca mais quer ouvir o som daquela língua horrível. Mas não consegue evitar a memória, essa mesa de montagem onde a vida se desfoca até dar um sentido estranho ao que o filme tinha quando era somente vida.

As mãos dela são angulosas, decididas. Acende o quinto cigarro. Deixou de fumar há meses. Diz que um dia não são dias.

(...) É assim que Teresa encontra Ana Carolina, a filósofa da maturidade. Do alto da sua sabedoria, ela costumava dizer:

– Poucas coisas há tão infelizes como a maturidade, que é aquela época em que as pessoas têm imensas explicações para não serem capazes de se aturar.

Mas não há antes nem depois na vida, há apenas as coisas importantes e as outras. Aqui está ela, sentada em cartas amarrotadas, rodeada de chão:

– Olá! Estava a arrumar umas tralhas e achei estas parvoíces. Já nem me lembrava.

Era engraçado ver Ana Carolina a mentir com tanta candura. Ela que sabia tanto de tudo. Que se fazia tão desassombrada. Já antes da traição do belo norueguês ela era assim, cheia de discursos auto-suficientes. Alimentava-se desses antídotos do medo a que chamamos projectos; lavrava uma elevada opinião de si mesma, que os resultados do seu esforço não justificavam. Se o amor consistia apenas numa fórmula de cortesia do amor-próprio, porque é que a voz dela não chegava para lhe aquecer a casa, nos serões de Inverno?

(...) Papéis, ela flutua sobre papéis. Põe-se desprendida a repetir que já nem sabe onde é que tinha as cartas. Quis condená-las ao ostracismo da igualdade. Por isso, as despejou naquela caixa de sapatos para onde atira as facturas da água e as cartas de negócios. Tudo contas saldadas. Mas afinal é fácil separá-las desse monte. São envelopes volumosos e esfacelados. A pressa de os abrir ficou ali marcada como uma gargalhada do tempo. Ana Carolina escangalha-se a rir:

– De cada vez que me lembro do preço escandaloso que tive de pagar pelas aulas daquele dialecto ridículo, concluo que as mulheres não têm cura.

Teresa lembra-se das mil vezes que a ouviu repetir Carolina à maneira dele. Que ele punha abraçinhos no r dela. Carolina, como carrossel e caracol ao mesmo tempo. Teresa lembra-se, mas faz de conta que não (...)

O casamento, a viagem, estava tudo marcado. Daí a três meses ela voaria de vez para a Noruega. Quatro cartas sem resposta. E depois, o derradeiro telefonema. Ela repete que já se esqueceu e volta a contar tudo.

– Liguei. Ele atendeu ao terceiro toque. Perguntei-lhe: “Are you dead”¹? e ele fez um silêncio. Depois disse: “I’m sorry”², como se me tivesse pisado no metro. Desliguei logo. Não queria ouvir explicações.

Desligou logo, porque sabia que não ia ouvir explicações. É uma gentileza pouco própria dos homens, esse arranjo de suaves mentiras. Mas Ana Carolina prefere guardar a memória de uma justificação repudiada, pelo menos enquanto Teresa está ali, com a cabeça pousada no seu colo:

– É para tu veres como é o amor. Para não teres pena nem pressa. Ele há-de vir, e depois há-de ir-se embora. Vem tudo nos romances.

Inês Pedrosa (Portugal), *A Instrução dos Amantes* (1992)

¹ “Are you dead ?” – “Ainda estás vivo ?”

² “I’m sorry” – “Desculpa”

- Diga qual o problema nuclear apresentado no texto?
- Analise a forma como o mesmo está estruturado para apresentar esse problema.
- Que personalidade manifesta a personagem que vive essa situação? Analise o modo como se comporta.
- Destaque e comente os passos do texto que considera mais significativos do ponto de vista da realização literária.

1. (b)

Esperança

É como se alguém me pisasse
e eu me risse
– uma alegria toda cor e luz.

5 É como se alguém me batesse
e eu cantasse
– um canto de amizade e paz.

É como se alguém me cuspiisse
e eu passasse indiferente
– um caminho claro como o dia.

10 É como se alguém me apunhalasse
e eu o abraçasse
– um fogo de fraternidade humana.

15 Eu sei o teu nome, eu sei o teu nome
este vício secreto e interior
esta badalada do relógio da alma
este pulsar no coração do mundo
esta consciência duma ferida em chaga
este sentir a dor de uma mulher pobre e faminta.

20 Eu sei o teu nome, eu sei o teu nome.
Ó silenciosos gritos dos camponeses sem terra!
Ó vento da certeza que os carrascos temem!

Vasco Cabral (Guiné-Bissau), *A Luta é a Minha Primavera* (1981)

- Destaque, na estrutura externa do poema as partes mais significativas, indicando o conteúdo de cada uma.
- Evidencie a tensão manifesta entre o sujeito poético e o universo com que se confronta.
- O sujeito poético reage apenas a título pessoal? Justifique a sua resposta num breve comentário aos últimos três versos do poema.
- Destaque os processos estilísticos mais significativos do poema.